

# Prefácio à Emma Goldman. Tráfico de Mulheres\*

Margareth Rago\*\*

Conhecida com uma das mais combativas militantes do movimento anarquista internacional, Emma Goldman, nascida em Kovno, na Rússia, em 1869, imigrada para os Estados Unidos na juventude, continua a nos surpreender pela ousadia das suas ideias e práticas. Intensidade na vida, calor e empenho dramático nas experiências vividas, Goldman renova e radicaliza as posições libertárias e feministas de sua época, destacando-se, segundo suas biografias, pela maneira como articula eros e política, em sua própria existência e em suas narrativas políticas ou autobiográficas (Ferguson, 2011; Falk, 1984). Em diferentes frentes de ataque à exploração capitalista, ao imperialismo e à opressão de gênero, ousa discutir assuntos até então pouco enunciados por mulheres, mesmo entre as feministas. O tráfico das “escravas brancas”, a prostituição, o casamento e o amor livre compõem um conjunto desses.

No texto aqui apresentado, “O Tráfico de Mulheres”, de 1910, o foco se volta para o que Goldman considera mais um uso político dos problemas sociais de sua época do que um real enfrentamento da questão: o tráfico de mulheres da Europa Oriental e Ocidental para a América, por gangues especializadas, destinadas à prostituição. Questionando os reformadores sociais norte-americanos, Goldman nem sequer considera que haja de fato um contingente expressivo de prostitutas estrangeiras nos Estados Unidos, ao menos trazidas pelo tráfico das “escravas

---

\* Recebido para publicação em 27 de julho de 2011, aceito em 16 de setembro de 2011.

\*\* Professora do Departamento de História do IFCH, Unicamp.  
marga\_rago@uol.com.br

brancas”. Segundo seus argumentos, a maioria das prostitutas em Chicago era estrangeira porque haviam vindo sozinhas ou com suas famílias, com a forte imigração européia iniciada na década de 1880, assim como ela mesma que, ainda jovem, imigrara com sua irmã para tentar a sorte na América, e acabara trabalhando nas fábricas têxteis. Segundo ela, o discurso contra o “tráfico das brancas” estaria sendo utilizado muito mais como uma forma de deslocar o foco das deploráveis condições sociais vigentes no país, que forçavam as moças pobres a lançarem-se na prostituição. Dizia ela, “é um absurdo apontar para a Europa como o pântano de onde provêm todas as doenças sociais da América” (Goldman, 1909:13).

Contudo, desde que o tema do tráfico sexual voltou à baila entre as décadas de 1970 e 1980, estudos históricos respeitados avaliam que houve um intenso trânsito de mulheres oriundas de regiões empobrecidas da Rússia, Polônia, Romênia e Ucrânia, ou mesmo da França, Espanha e Portugal, destinadas ao mercado sexual nas capitais do Novo Mundo, entre Nova York, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, nos inícios do século 20 (cf. Bristow, 1982). É possível encontrar inúmeros relatórios oficiais, cartas e outros tipos de documentos trocados, no período, entre as autoridades inglesas da *National Vigilance Association*, fundada em 1885 e da *Jewish Association for the Protection of Girls and Women*, ambas instaladas em Londres, ou ainda da *Association pour la Repression de la Traite des Blanches et la Preservation de la Jeune Fille*, criada em Paris, em 1901, e as suas filiais estabelecidas nos países de destino das jovens, em que se discutem com muitos dados as possíveis formas de controle ao tráfico das brancas e de vigilância nos portos (Rago, 1999:306-; 2008).

Todas as autoridades concordavam com que, ao contrário do que imaginavam, as jovens vinham com conhecimento da situação futura, apostando em enriquecer com a comercialização sexual do próprio corpo, e não ignorando o que as esperava na nova terra, ao menos em termos gerais (id.ib.:290-). As autoridades

policiais do período, os reformadores sociais e as filantropas que, por vezes, aguardavam-nas nas estações ferroviárias ou nos portos, procurando “salvá-las” das garras das gangues de cafetões surpreendiam-se ao darem-se conta de que a maioria delas não era mera vítima de gigolôs desalmados, algumas já sendo prostitutas em suas terras natais, e que muitas haviam aceitado participar desses deslocamentos migratórios em busca de melhores condições de vida.

Goldman tem uma abordagem muito especial e ousada da questão, como se poderá ler em seu texto. Mais do que dissertar profundamente sobre os males e as causas da prostituição e do tráfico de mulheres, usa o tema para lançar a sua crítica social e política ao sistema capitalista, à dominação patriarcal, ao conservadorismo moral, em sua própria atualidade. Assim é que, logo de início, estranha a repentina atenção dada ao chamado “tráfico de escravas brancas” pelas autoridades públicas, questionando que se tratasse de um fenômeno totalmente novo e restrito às “brancas”. Ela, então, acrescenta as “amarelas” e as “negras”, excluídas já na nomeação do fenômeno. Em seguida, numa aproximação maior, Goldman, conhecida também por seu lado irreverente e boêmio, supõe uma intenção moralista, uma manipulação ideológica em desviar a atenção da opinião pública de algo importante para se iniciar uma “cruzada moral contra a indecência”, contra a prostituição, os jogos e os bares. Na verdade, afirma, o que se nota com maior clareza é a indiferença das autoridades em relação às prostitutas e à situação de inferioridade social e moral das mulheres, e não algum tipo de preocupação e cuidado. Num texto absolutamente crítico, não perdoa os de cima, entre governantes e reformadores, mas também não deixa escapar a metáfora do “bebê” para qualificar um povo que se deixa facilmente seduzir por brinquedos novos, dados por gordos políticos parasitários que precisam ocupar-se com alguma coisa: o grito contra o tráfico de mulheres é um desses jogos, diz ela. Assim, Goldman desmistifica e relativiza o tema desde as primeiras linhas de seu texto.

É bem verdade que essa atitude não a impede de enfrentar o assunto direta e criticamente, revelando ainda informação histórica e conhecimento atualizados dos debates sobre a sexualidade e a moral sexual que se travam no período. Nos parágrafos seguintes, as questões vão sendo lançadas, a começar pela exploração capitalista do trabalho que mantém mulheres e meninas em situação de assustadora miséria econômica, aspecto que, segundo ela, os reformadores sociais nunca mencionam, mas que pode ser comprovada por alguns estudos a que ela, militante intelectualizada, recorre. Como exemplo, cita a pesquisa realizada pelo jornalista Reginald Wright Kauffman, autor de *The House of Bondage*, publicada em 1910, a do médico alemão Alfred Blaschko, autor de *Prostitution in the Nineteenth Century*, e o trabalho do médico e sexólogo inglês Havellock Ellis, *Sex in relation to Society*, também daquele ano.

Contudo, se a causa da prostituição radica, em sua explicação, na inferioridade social e econômica da mulher, cujos salários são absolutamente inferiores aos dos homens nas fábricas norte-americanas, a questão não se limita a esse âmbito. Avançando para além das dimensões econômicas, a anarcofeminista explora o lado moral do problema, denunciando a hipocrisia e a misoginia da sociedade moderna, em que as mulheres nunca são vistas pelo mérito de seu trabalho, mas como objetos sexuais. Portanto, diz ela, elas devem pagar pelo direito de existir e esse pagamento é sexual, dentro ou fora do casamento.

Vale lembrar que, nesse momento, ainda se está longe dos debates contemporâneos que se, de um lado, repõem perspectivas tradicionais como as que visam à abolição da prostituição mesmo se considerada um “mal necessário”, acenam, de outro, com a proposta da legalização da profissão das “trabalhadoras do sexo”, desde as décadas de 1970 e 1980. Naquele momento histórico, porém, as políticas da prostituição se resumiam ao *regulamentarismo* e ao *abolicionismo*, criados na Europa pelas elites dominantes, nos inícios do século XIX. O *sistema regulamentarista* propunha o controle dos territórios desejantes

pelo Estado, responsável por definir os lugares da existência das casas de tolerância e dos bordéis nas cidades, os horários de circulação das mulheres, a inspeção médica, entre outros aspectos, enquanto os abolicionistas criticavam aquela proposta como a que faria do Estado não só um invasor da esfera da vida privada e da intimidade individual, mas também um cafetão ele próprio (Corbin, 1978). Chamavam a atenção para a ineficácia de um sistema que humilhava a mulher, fazendo recair apenas sobre ela o peso de uma relação sexual condenável, e que acabava por institucionalizar uma profissão que poderia ser vivida apenas temporariamente. Como dizia, no Brasil, o Dr. Alberto Seabra, em 1902, refletindo a posição de toda uma tendência no interior da medicina:

Médicos visitam periodicamente estes estabelecimentos (os bordéis, N.A.), procedem ao exame nas mercadorias humanas, seqüestram as que estão infeccionadas, garantindo assim o sexo forte. (...) Agentes plenipotenciários, mas não diplomáticos, efetuam a caça paternal às prostitutas rebeldes, e constroem-nas aos regulamentos. E eis, sumariamente como o estado se faz *caften* (Seabra *apud* Rago, 1999:129).

Se Goldman repete o argumento tradicional que faz da prostituição um “mal necessário” visando à satisfação do desejo masculino e a preservação do casamento monogâmico a todo custo, ele mesmo um outro tipo de prostituição; se recorre ao argumento econômico como explicação principal para a existência do fenômeno, é de se notar que, adepta do amor livre e em luta pela autonomia das mulheres, abre seu discurso, com o anarquismo, para novos espaços. Um destes concerne à sexualidade e ao desejo femininos, inibidos e castrados pela dupla moral sexual que, diz ela, permite tudo aos homens e nega até o prazer às mulheres. Posição absolutamente arrojada a dessa mulher que ousa enunciar e defender o desejo feminino, especialmente em meios operários, onde os estigmas morais

pesavam muito mais fortemente do que nas classes mais abastadas. Como se sabe, Goldman nunca frequentou uma universidade e forma-se culturalmente em contato com militantes de esquerda, com artistas e intelectuais ligados ao mundo do trabalho. Entre seus escritores preferidos, figuram Henrik Ibsen, Fyodor Dostoiévski, Leon Tolstói e Maximo Gorki.

Por outro lado, suas inúmeras biógrafas mostram que ela própria nunca se restringiu aos seus discursos, lançando-se em várias experiências de amor livre ao longo de sua vida e recusando as solicitações de casamento de seus amantes, como Alexander Berkman e Benjamin Reitman, com quem manteve vínculos amorosos e de amizade profundos. Como militante absolutamente dedicada à causa revolucionária e também em função dos constantes deslocamentos a que as perseguições políticas a obrigavam, Goldman não teve filhos, nem um vida propriamente familiar. Seu casamento, assim que chega aos Estados Unidos, torna-se insuportável e rompe-se rapidamente. Logo mais, aderindo ao anarquismo e assumindo posições feministas, passa a denunciar o matrimônio como uma convenção social, um aprisionamento das mulheres, uma castração sexual, ou como uma outra forma de prostituição. Como afirma na palestra “Casamento e Amor”, também publicada em *Anarchism and Other Essays* (1910), “casamento e amor não tem nada em comum (...) e, de fato, são antagônicos um ao outro”.<sup>1</sup>

Aliás, para Goldman, a emancipação feminina está estreitamente vinculada à liberação sexual, ao direito de experimentar o desejo e praticar o amor livre, como defendiam os anarquistas desde o século XIX. Nessa direção, é interessante encontrar nas páginas que seguem uma defesa do direito ao prazer sexual para as mulheres, tema raramente abordado publicamente pelas próprias mulheres, mesmo as feministas, nessa época.

---

<sup>1</sup> No original, “Marriage and love have nothing in common; they are as far apart as the poles; are, in fact, antagonistic to each other”.

A sociedade considera as experiências sexuais de um homem como atributos de seu desenvolvimento geral, ao passo que experiências similares na vida de uma mulher são vistas como uma terrível calamidade, a perda da honra e de tudo o que é nobre e bom num ser humano [indignava-se ela].

Denunciando a excitação sexual produzida pelo ambiente saturado das fábricas, onde ela mesma trabalhara, a militante explica a predisposição dos sentidos em que acabaria se encontrando a jovem trabalhadora, ao final do expediente, ao mesmo tempo ignorante dos próprios processos corporais e desejantes, facilitando a entrega sexual inadvertida.

Vale notar, ainda, como a libertária Goldman inaugura posições diferenciadas em relação à moralidade social, por exemplo, em sua atitude aberta diante da prostituição. Assim é quando recorre à História para afirmar que, no passado, a prostituição era considerada uma atividade sagrada, que se dava nos templos, e que, no entanto, foi maculada pela Igreja e corrompida pelo capitalismo; ou quando desculpa as prostitutas ao defini-las como vítimas de uma sociedade irresponsável: “A sociedade cria as vítimas das quais depois se esforça em vão por se livrar”, acusa ela.

Nesse sentido, não é à toa que Goldman será a madrinha do *Mujeres Libres*, organização anarcofeminista que, durante a Revolução Espanhola, entre os anos de 1936 e 1939, propõe, entre inúmeras atividades, como a criação de cursos de alfabetização e profissionalização para as mulheres pobres, a criação dos “*liberatórios de la prostitución*”, voltados para auxiliar as prostitutas, ao contrário de outros grupos feministas e socialistas, absolutamente fechados ao contato e diálogo com esse universo considerado imoral e abjeto (Ackesberg, 1991; Rago e Biajoli, 2008). Finalmente, nem mesmo os gigolôs são execrados pela anarcofeminista, que também os vê como produtos de um mundo violento, corrompido e sem perspectivas de justiça social, muito

embora também não negue a exploração sexual que exercem sobre as prostitutas pobres.

Nos dias de hoje, o debate sobre o tráfico sexual de mulheres toma novos rumos, desde o geográfico, – já que esses fluxos migratórios partem principalmente da América Latina para a Europa –, até o social, pois vem associado ao envolvimento de crianças e ao turismo sexual. Certamente as discussões em torno do tema cresceram, assumiram direções muito mais complexas e têm envolvido tanto autoridades públicas como feministas, elas mesmas evidenciando posições e interpretações bastante diferenciadas. Ainda assim, e a despeito da distância e da brevidade do texto de Emma Goldman, este se torna uma importante referência pelas posições avançadas que apresenta na crítica à moral sexual conservadora e misógina de sua época.

Às possíveis leitoras e leitores, fica o convite a um contato mais próximo com as reflexões dessa respeitada ativista política, tantas vezes perseguida e expulsa, mas também, repetidas vezes, bem vinda e homenageada pelos grupos políticos de esquerda, entre anarquistas, socialistas e feministas, de sua época e de nosso presente.

### **Referências bibliográficas**

- ACKESLBERG, Martha. *Free Women in Spain. Anarchism and the Struggle for the Emancipation of Women*. Indianapolis, Indiana University Press, 1991.
- BLASCHKO, A. *Prostitution in the Nineteenth Century*, s/r.
- BRISTOW, Edward. *Prejudice and Prostitution. The Jewish Fight against White Slavery, 1870-1939*. Oxford University Press, 1982.
- CORBIN, Alain. *Les Filles de Noce. Misère sexuelle et Prostitution à Paris au XIXe. siècle*. Paris, Flammarion, 1978.
- FALK, Candice. *Love, Anarchy, and Emma Goldman*. New York, Holt, Rinehart, and Winston, 1984



- FERGUSON, Kathy E. Gender and Genre in Emma Goldman. *Signs*, vol. 36, n° 3, spring 2011, pp.733-757.
- GOLDMAN, Emma. *Anarchism and Other Essays*. 1917 [1911] [[http://womenshistory.about.com/library/etext/bl\\_eg\\_anb\\_marriage\\_love.htm](http://womenshistory.about.com/library/etext/bl_eg_anb_marriage_love.htm)].
- HAVELLOCK ELLIS, H. Sex in relation to Society. *Studies in the Psychology of Sex*, vol. 6, Kessinger Publishing, LLC, 2007 [1910].
- KAUFFMAN, R. W. *The House of Bondage*. New York, Moffat, Yard, 1910.
- RAGO, Margareth, BIAJOLI, Maria Clara Pivato. (orgs.) *Mujeres Libres da Espanhola: Documentos da Revolução Espanhola*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2008.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008 [1999].